

INDÚSTRIA APROFUNDA RECESSÃO

A combinação de crise política e econômica derruba a indústria pelo terceiro ano consecutivo

A conjuntura negativa para a indústria brasileira para 2016 foi uma extensão dos dois anos anteriores, ganhando mais intensidade à medida que a crise econômica se acentuava e a temperatura subia no cenário político, impactando negativamente a confiança de consumidores e dos empresários ao derrubar o consumo e os investimentos. Nesse cenário, a produção industrial brasileira deve cair 6,9% e a gaúcha 4,0% em 2016: quedas mais intensas que as previstas no final de 2015. O ano de 2016, porém, contou com alguns elementos positivos que recuperaram a confiança dos industriais depois de três anos. Além disso, os resultados negativos da atividade industrial dão sinais de arrefecimento, sugerindo que passou o período de maior deterioração e reforçando a hipótese de que o vale recessivo foi finalmente atingido. O problema é sua profundidade: recordes negativos foram batidos e pisos históricos foram alcançados. A atividade industrial recuou a patamares do início do século.

As perspectivas para 2017 são menos negativas, mas o cenário segue desafiador. As demandas doméstica e externa deverão continuar restritas. O que sustenta o prognóstico mais favorável é a melhora do *front* político, beneficiando o ambiente econômico, inclusive com perspectiva de pequeno crescimento. Esse cenário menos desfavorável tende a levar a um avanço da atividade industrial em 2017, porém muito modesto. No cenário base é projetado um crescimento de 0,9% para a produção brasileira e de 0,7% para a gaúcha.

O objetivo principal deste capítulo é avaliar o desempenho das indústrias brasileira e gaúcha em 2016, bem como projetar o ano seguinte. Para isso serão utilizados os principais indicadores de atividade e de opinião empresarial que fazem o mapeamento do setor.

Crise econômica ganha força com o avanço da crise política

O setor industrial gaúcho passa em 2016 pela maior crise de sua história. Mas essa crise está inserida em um ciclo recessivo que começou em 2014. Como chegamos até aqui?

Mesmo com os entraves históricos, até o ano de 2008, a produção industrial nacional crescia, acompanhando em ritmo similar à evolução da economia doméstica. Entre 2002 e 2008, a indústria e o PIB nacional cresceram 25,3% e 26,5%, respectivamente.

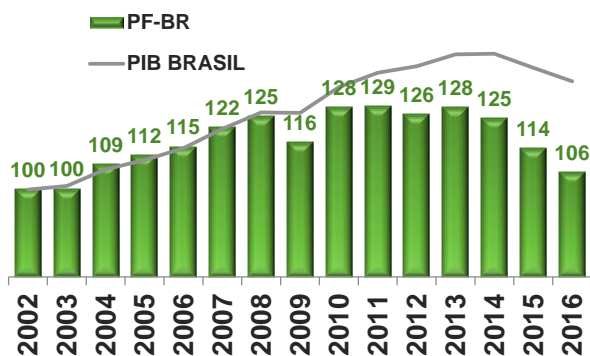
Após a crise mundial de 2008, a perda de competitividade se acentuou e o setor industrial entrou num quadro de estagnação que se manteve até 2013, mesmo diante da retomada da economia. Naquele momento, a expansão da demanda doméstica passava a ser suprida, em grande parte, pelas importações. Entre 2009 e 2013, o PIB do país aumentou 15,8% e a produção industrial brasileira apenas 2,5%.

A partir de 2014, diante de seus desequilíbrios macroeconômicos, o Brasil entra em forte crise econômica. A desaceleração e a posterior contração, principalmente na demanda doméstica, interagiram com as fragilidades da indústria nacional, determinando a sua entrada num período de declínio que se prolonga até os dias de hoje. Assim como na economia brasileira, a duração, a disseminação e a intensidade não deixam dúvidas de que se trata do pior ciclo recessivo experimentado pelo setor industrial na sua história recente. Nos últimos três anos, a produção industrial do Brasil caiu 17,4% ante uma redução esperada do PIB nacional de 6,6% no período.

No Rio Grande do Sul, o comportamento da indústria foi ainda pior. Sem conseguir acompanhar o ciclo de expansão da economia brasileira anterior a 2008, a produção industrial gaúcha no Estado recuou 18,7% desde 2014.

Gráfico 3.1. Produção Industrial – Brasil

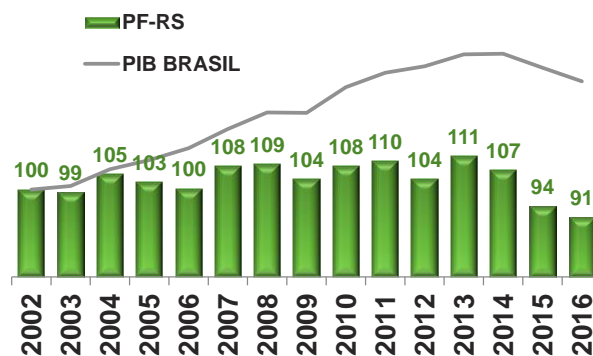
(Índice de base fixa anual 2002 = 100)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.2. Produção Industrial – RS

(Índice de base fixa anual 2002 = 100)



Fonte: IBGE/PIM-PF Elaboração: FIERGS/UEE.

Diversos são os elementos que determinaram o ciclo recessivo da indústria nos últimos anos, que não apenas se estenderam como ganharam força em 2016. Vale destacar, contudo, que a terceira queda consecutiva da indústria brasileira deve-se ao aprofundamento da crise econômica e da intensificação da crise política. Só depois de passados dois terços do ano, com a finalização do processo de *impeachment*, a crise política atenuou, mas a recessão econômica não deu trégua. O quadro resultante dessa interação, uma tempestade perfeita das crises política e econômica, potencializou ainda mais o cenário já deteriorado dos últimos dois anos, agregando doses adicionais de pessimismo aos consumidores e aos empresários e, conseqüentemente, reduzindo ainda mais os já baixos níveis dos investimentos e do consumo doméstico. Segundo os industriais brasileiros e gaúchos (Sondagem Industrial-CNI e FIERGS), a demanda interna insuficiente foi o principal problema conjuntural enfrentado pela indústria nos últimos dois anos.

Presente no cenário desde as eleições de 2014, a deterioração do cenário político começou com o acirramento do quadro eleitoral e se intensificou no ano seguinte com a rápida perda de popularidade do governo eleito devido à crença predominante na sua incapacidade de promover os ajustes necessários para recuperar a economia, sobretudo no lado fiscal. Em 2016, a crise política atinge seu ápice com a aceitação do processo de *impeachment* pela Câmara de Deputados em abril, culminando com o afastamento definitivo da Presidente, aprovado pelo Senado Federal, no final de agosto. A destituição constitucional de Dilma Rousseff ajudou a reduzir a incerteza e trouxe de volta o otimismo, dadas as perspectivas de melhor qualidade na gestão da economia e de avanços nas reformas propostas pelo novo governo. Se ainda não significou recuperação da atividade econômica, que segue sob o peso da recessão, fornece alguma perspectiva para o futuro.

A intensificação da crise política derrubou o consumo doméstico em 2016, que já vinha em processo de desaceleração desde o início de 2015. Com o agravamento da crise econômica, a taxa de desemprego saltou de 6,8% no terceiro trimestre de 2014 para 11,8% no mesmo período de 2016 no Brasil e de 5,2% para 8,2% no Estado. Já a confiança dos consumidores brasileiros atingiu sua mínima histórica em abril de 2016. Isso levou à queda do consumo doméstico, que também é influenciado pela perda na renda, pelas maiores restrições ao crédito e pelo alto o nível de endividamento das famílias. Segundo o IBGE, o volume de vendas do comércio varejista ampliado brasileiro acentuou seu declínio para 9,2% de janeiro a setembro de 2016 ante o mesmo período do ano passado, sobretudo nos segmentos mais dependentes do crédito, como os

automobilístico, eletrodomésticos e móveis. Essa foi a maior queda da série iniciada em 2001, além de ser a segunda consecutiva, fato também inédito no período. O consumo doméstico só deve voltar a crescer com o retorno do emprego, da renda e da confiança, que alcançou em outubro o maior nível em 25 meses, influenciada pelas expectativas.

A intensificação da crise determinou também uma nova rodada de redução dos investimentos. Os resultados da produção industrial mostram a terceira queda consecutiva para o segmento de bens de capital: -15% nos nove primeiros meses de 2016 na comparação com o mesmo período do ano passado. São 40% de declínio acumulado nos últimos três anos. A falta de confiança dos empresários explica em grande parte esse movimento. Há uma relação de causalidade: decisões de investimentos são tomadas em ambientes de previsibilidade e de otimismo com o futuro econômico do país.

Assim, a evolução da confiança empresarial seguiu o roteiro descrito pela evolução da crise política, os primeiros sinais de falta de confiança surgiram como reflexo das incertezas geradas pelas eleições acirradas de 2014, em um cenário de forte desaceleração econômica e se deteriorou até a aceitação do pedido do processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff em abril de 2016. A evolução do Índice de Confiança do Empresário Industrial brasileiro (ICEI/CNI) demonstrou que o setor passou por um choque de confiança, iniciado em maio e consolidado à medida que aumentava a percepção entre os empresários de que o processo de *impeachment* seria irreversível. Em agosto, a confiança retornou no setor depois de quase três anos. A despeito da alta dos indicadores de confiança, ainda não se vislumbra recuperação dos investimentos, que seguem limitados pelos baixos níveis de produção e de utilização da capacidade, além dos juros elevados.

A recuperação da confiança é fundamental para que a indústria volte a investir, mas a sustentação desse processo está condicionada à concretização das expectativas geradas pelo novo governo. Os investimentos, vale ressaltar, são importantes não apenas para a retomada do setor, mas para sua sustentação, via aumento da produtividade.

***D*emanda externa não ajuda e menor importação evita um cenário ainda pior**

O cenário de menor demanda interna combinada com a crise política foi o principal motivo da recessão em curso na indústria, mas o baixo dinamismo das exportações, que em crises passadas foram um vetor de recuperação, também restringiu o desempenho do setor em 2016.

Depois da crise mundial de 2008, a recuperação da economia doméstica e a falta de competitividade internacional e de acordos comerciais, combinadas com as restrições em parceiros comerciais importantes, fizeram com que a indústria nacional se voltasse para o mercado interno. O coeficiente de exportação da indústria brasileira (valor das exportações relativamente ao valor da produção) a preços constantes, publicado pela CNI/FUNCEX, caiu de 19,7% em 2005 para 12,0% em 2014 (o menor nível da série). Isso significa que ao longo desse período as exportações industriais perderam importância em relação à produção, confirmando que o setor industrial brasileiro foi sustentado pelo mercado interno. Nos dois anos subsequentes, o coeficiente aumentou e chegou a 15,8% em maio de 2016, mas esse aumento de participação não resultou de estratégias empresariais ou ações políticas para acessar mercados internacionais, mas sim da recessão doméstica, ocorrida pela queda mais intensa da produção relativamente às exportações industriais. De fato, o crescimento do coeficiente em 2016 não representou maiores exportações de manufaturados, que caíram, em Dólar, 3,2% de janeiro a outubro de 2016 ante o mesmo período de 2015. Foi a quinta queda seguida, mas a crise econômica e a desvalorização do real ajudaram a desacelerar a taxa negativa, a menor em três anos. No Rio Grande do Sul, o

coeficiente de exportações industriais gaúchas saiu de 18,0% em 2008 para 24,7% em 2016. Da mesma forma que as brasileiras, as exportações industriais em dólar do Estado caíram 7,8% nos dez primeiros meses de 2016, devendo registrar a terceira retração consecutiva.

Já a concorrência com os produtos importados, importante fator a limitar o desempenho recente do setor, perdeu relevância diante da desvalorização cambial e da crise econômica. Nos últimos anos, o coeficiente de penetração de importações (participação dos importados no consumo aparente) caiu de seu pico de 18,1% atingido em 2013 após de uma década de crescimento, para 16,5% em 2016, mostrando uma tendência, ainda que modesta, de substituição de produtos importados por produção doméstica. De fato, as importações de produtos industriais no Brasil caíram 23,7% nos dez primeiros meses de 2016, caindo mais intensamente que o consumo doméstico. Em 2015, a redução já havia sido intensa: -25,1%. O mesmo processo ocorre no Rio Grande do Sul: o coeficiente para a indústria gaúcha caiu de 25,0% para 20,4% no período. Nos dois casos, as importações caem mais do que o consumo aparente (soma do valor da produção destinada ao mercado doméstico e das importações).

Esse comportamento ocorreu também com insumos industriais importados. O coeficiente que mede a participação dos mesmos no total de insumos industriais adquiridos pela indústria entre 2003 e 2013, subiu de 16,5% para 25,9%. Quanto maior o coeficiente, maior é a participação. A necessidade de aumentar a competitividade num ambiente de custos crescentes e concorrência acirrada levou a indústria brasileira a substituir insumos e matérias-primas produzidos localmente por importados. Em 2016, porém, o indicador já recuou para 23,6%. O movimento ainda é tímido e reflete o aumento de custo relativo de componentes industriais importados, com o dólar mais alto, o que representa pressão nos custos para produzir. Com a retração da demanda doméstica, se não fosse a substituição de importações, os resultados da indústria brasileira poderiam ser ainda piores.

A queda de 2016 foi mais intensa que a prevista, mas traz alguns elementos positivos

Para 2016, o setor industrial brasileiro e gaúcho registrará a terceira queda seguida, ainda mais intensa do que a projetada no final do ano passado.

Contando com uma herança estatística (*carry over*) negativa expressiva (-6,3%) de 2015, era projetada para a produção industrial brasileira nova contração, de 3,6%, que poderia chegar a 5,7% no cenário mais deteriorado. A fundamentação desse cenário era a manutenção dos principais fatores que já impactavam a indústria nacional nos dois anos anteriores, sobretudo o declínio da demanda doméstica e a instabilidade política. Com a confirmação desse cenário, a produção industrial brasileira deverá encerrar o ano com uma retração de 6,9%. Já a produção gaúcha, com um efeito carregamento menor (-2,3%), deve encerrar 2016 com nível 4,0% menor que o de 2015, muito próximo dos 4,2% previstos no final do ano passado. O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) deve cair 6,5%, desempenho ainda pior do que o projetado pelo cenário mais pessimista (-5,1%).

O ano de 2016, porém, trouxe alguns elementos positivos em relação nos anos anteriores. Três fatores que limitavam o desempenho recente da indústria foram superados (excesso de estoques e falta de confiança empresarial) ou minimizados (concorrência com importados) em 2016. O cenário político menos tumultuado, as propostas de reformas e de soluções para a crise fiscal e as reduções da inflação e dos juros também foram boas novidades que ocorreram ao longo do ano. Adicionalmente, a desaceleração das taxas negativas observadas em quase todos indicadores durante o ano sugere que o momento de maior deterioração pode ter passado, reforçando a hipótese de que o vale do atual período recessivo já foi finalmente atingido. O

problema é sua profundidade: após três anos de recessão encadeada em cinco anos de estagnação, a atividade industrial em 2016 retroagiu a patamares do início dos anos 2000.

Vale destacar que tais ingredientes não são suficientes para garantir uma retomada da produção, que depende da volta do crescimento econômico brasileiro, sobretudo da demanda doméstica.

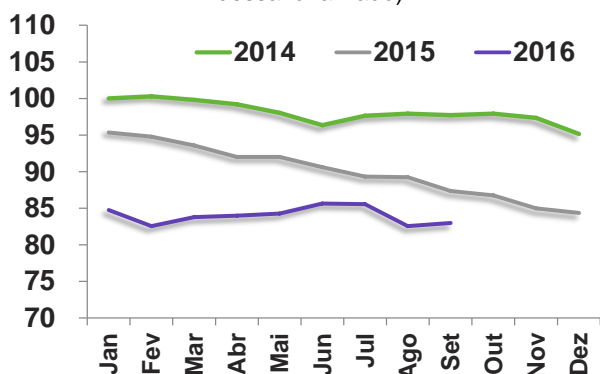
A indústria brasileira em 2016: quedas generalizadas e recordes negativos

Os resultados dos principais indicadores de desempenho da indústria nacional mostram que a recessão segue intensa. Os números são eloquentes. De uma forma geral, depois do terceiro ano de declínio, todos eles se encontram ou estão muito próximos de suas mínimas históricas, operando em 2016 nos níveis do início do século.

Analisando dois dos principais indicadores da atividade industrial brasileira, o faturamento real, divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a produção física, pelo IBGE, na série ajustada sazonalmente, verifica-se que a indústria brasileira permaneceu ao longo de todo o ano de 2016 abaixo dos níveis de 2015. De fato, ao longo desse ano, a produção demonstrou, na margem, menor intensidade na tendência negativa em relação aos anos anteriores, ficando muito próxima da estabilidade. Já o faturamento real manteve a trajetória de queda verificada desde 2015. Isso tem implicações na evolução das taxas anuais.

Gráfico 3.3. Produção Industrial – Brasil

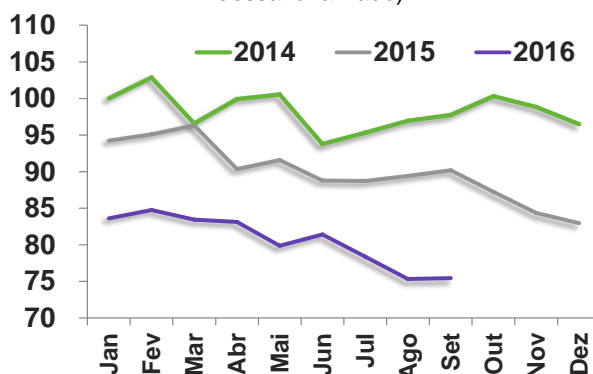
(Índice de base fixa mensal Jan2014 = 100 - dessazonalizado)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.4. Faturamento real – Brasil

(Índice de base fixa mensal Jan2014 = 100 - dessazonalizado)



Fonte: CNI/ Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

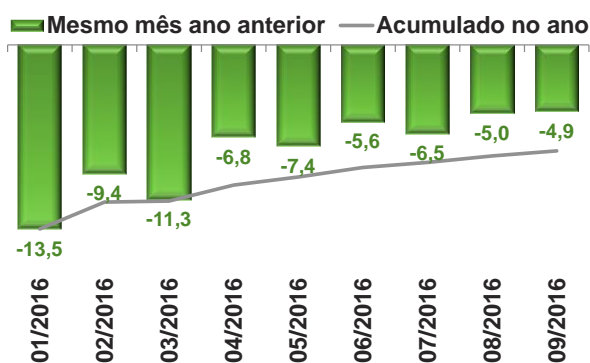
Contando com uma forte herança estatística negativa de 2015, de -6,3% no caso da produção e de -7,8% no caso do faturamento real, a ausência de crescimento marginal determinou a continuidade das quedas nas comparações anuais. Em 2016, na comparação com igual mês do ano anterior, a produção industrial, reproduzindo comportamento de quase estabilidade na margem, demonstrou taxas negativas decrescentes ao longo do ano, à medida que era comparada a uma base mais deprimida de 2015. Esse comportamento sugere que o momento de maior deterioração para a produção pode estar passando. Já o faturamento real, refletindo a tendência negativa na margem, manteve, em termos anuais, a intensidade da queda praticamente inalterada ao longo do ano. Desde março de 2013, a produção industrial brasileira apresenta queda nessa base: 31 meses seguidos até setembro, último dado divulgado. O faturamento real caiu 29 vezes nesse período. Ambos são recordes.

Em termos acumulados do ano, os resultados são igualmente negativos: a retração da produção alcançou -7,8% nos primeiros nove meses deste ano. O faturamento real caiu 12,4%. Mais uma vez, o índice de produção demonstra uma desaceleração nas taxas negativas ao longo de 2016 e o de faturamento real segue estáveis.

A diferença na evolução desses dois indicadores sustenta a hipótese de que a substituição de importações minimizou o impacto da crise doméstica. Em anos anteriores, na tentativa de reduzir custos, a indústria nacional intensificou o uso de insumos industriais importados (até mesmo revendeu produtos finais estrangeiros), o que derrubou a produção mais intensamente que o faturamento real. Em 2016, o processo foi invertido: a indústria minimizou a queda da produção substituindo importados, mas o faturamento real, que leva em conta o preço do produto final, caiu mais intensamente diante da demanda reprimida. A formação de estoques indesejados, outra hipótese plausível para a diferença, está descartada, visto que os dados mostram que não houve acúmulo de estoques em 2016.

Gráfico 3.5. Produção Industrial – Brasil

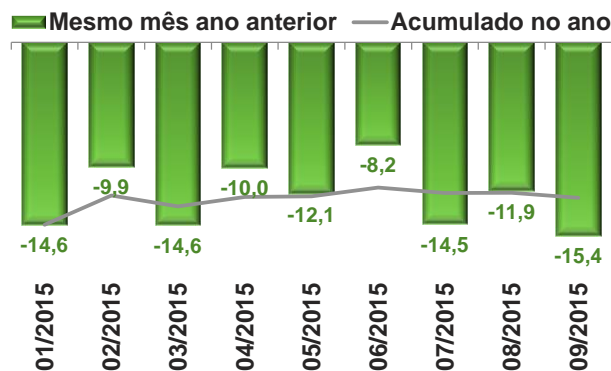
(Var. % em 2016)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.6. Faturamento Real – Brasil

(Var. % em 2016)



Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

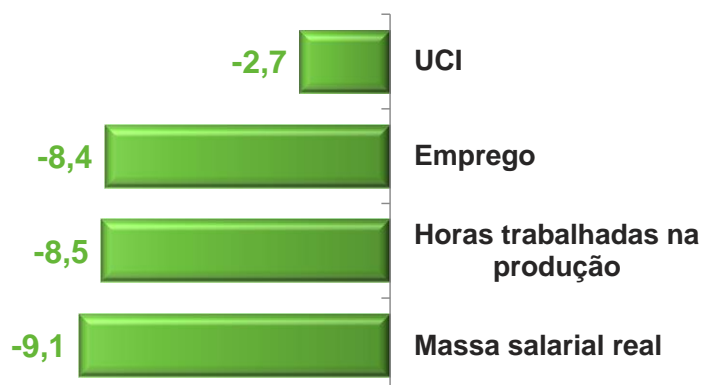
Os resultados dos demais indicadores de conjuntura do setor, divulgados pela CNI, reforçam o diagnóstico negativo da indústria brasileira. Com exceção da massa salarial real, todos compartilham do mesmo comportamento: registram a terceira contração seguida em 2016 e níveis historicamente baixos.

Nos nove primeiros meses do ano, as horas trabalhadas na produção recuaram 8,5%, na comparação com o mesmo período de 2015. Outro indicador importante, a utilização da capacidade instalada (UCI) mostra o elevado grau de ociosidade das fábricas, com 77,1% de média no período, a mais baixa da série histórica iniciada em 2003.

A diminuição contínua na atividade industrial influencia os indicadores do mercado de trabalho. O emprego caiu 8,4%, de longe a maior queda já registrada pela pesquisa iniciada em 2003. Depois de dois anos de queda, o quadro de empregados do setor nos nove primeiros meses de 2016 é 13,0% menor do que o mesmo período de 2014. A redução do emprego e o aumento da inflação diminuíram a massa salarial real paga pelo setor em 9,1% em 2016.

Gráfico 3.7. Indicadores conjunturais da indústria do Brasil

(Var. % acum. em 2016 até setembro)



Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

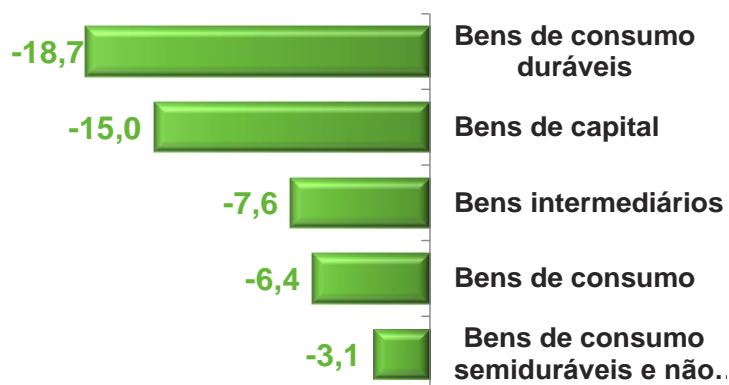
Entre as categorias de uso, classificação que leva em conta a que se destina o produto, o indicador de produção do IBGE demonstra que a queda nos primeiros nove meses do ano é disseminada, mas bem mais intensa a naqueles segmentos industriais produtores de bens duráveis (-18,7%) e de bens de capital (-15,0%). Trata-se do padrão verificado nos dois anos anteriores. A redução do consumo doméstico impactou a fabricação de produtos duráveis, especialmente de automóveis (-18,2%) e de eletrodomésticos (-19,3%). A elevada ociosidade nas fábricas e a baixa confiança dos empresários afetaram a produção de bens de capital (-15,0%), sobretudo para equipamentos de transporte (-15,8%) e para fins industriais (-10,3%).

A produção de bens intermediários, segmento industrial fornecedor de insumos, matérias-primas e peças e acessórios para a própria indústria, sofre os efeitos da recessão generalizada no setor. Com a menor participação de importados devido à alta dólar, esse segmento apontou uma queda mais moderada, de 7,6% no período, impactado, sobretudo, pela menor produção de peças e acessórios para bens de capital (-7,7%), equipamentos de transporte (-13,3%) e de combustíveis e lubrificantes (-10,2%).

O segmento mais associado à dinâmica da renda das famílias e do mercado de trabalho, o de bens de consumo semi e não-duráveis (como alimentos, vestuário e calçados), recuou 3,1% no período, também a pior taxa já registrada.

Gráfico 3.8. Produção Industrial – Categorias de Uso - Brasil

(Var. % acum. em 2016 até setembro)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

A produção industrial, no acumulado de janeiro a setembro de 2016, comparativamente a igual período do ano anterior, mostrou queda em 23 dos 26 setores analisados e em 72,4% dos 805 produtos pesquisados, segundo o IBGE. A análise por setores de atividade reforça o perfil disseminado da retração industrial brasileira em 2016.

A indústria extrativa recuou 12,6% sob a influência principal da menor produção de minérios de ferro, enquanto a indústria de transformação caiu 7,0% no período. Nesse último, os maiores impactos negativos vieram de Veículos automotores, reboques e carrocerias (-17,0%) – automóveis, caminhões e autopeças –, de Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-8,1%) – óleos combustíveis, diesel e naftas para petroquímica – e de Máquinas e equipamentos (-13,7%) – aparelhos de ar-condicionado, máquinas e equipamentos para o setor de petróleo, tratores agrícolas, guindastes, pontes e vigas rolantes, escavadeiras, carregadoras transportadoras, turbinas e rodas hidráulicas, empilhadeiras propulsoras e máquinas para colheita –. Esses três setores respondem por 37% da queda geral.

Entre outras contribuições setoriais negativas, vale destacar ainda Minerais não-metálicos (-11,9%), Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-21,4%), Metalurgia (-8,2%), Produtos de metal (-11,5%), Outros equipamentos de transporte (-21,4%) e Borracha e plástico (-7,9%). Entre os três setores que demonstraram crescimento da produção no período, a principal influência veio de Produtos alimentícios (+2,0%) que refletiu, principalmente, a maior produção de açúcar cristal e VHP.

Como já referido, o cenário descrito pelo faturamento real é ainda pior. Dos 21 pesquisados, apenas o setor de produtos farmoquímicos e farmacêutico registrou crescimento nos nove primeiros meses do ano na comparação com igual período de 2015: +0,5%. Veículos automotores (-24,5%), Produtos alimentícios (-10,9%), Metalurgia (-14,7%), Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-10,0%) e Químicos (-10,1%) são os setores industriais que impactam de forma mais intensa o faturamento real do setor.

Na tabela 3.1 são mostrados os resultados setoriais para o ano de 2016 dos principais indicadores de conjuntura divulgados para a indústria brasileira e percebe-se claramente o perfil generalizado da recessão que atinge quase todos os indicadores e categorias.

Tabela 3.1. Indicadores conjunturais da indústria do Brasil – Setores

(Var. % acum. em 2016 até setembro)

	Faturamento real	Horas trabalhadas na produção	UCI	Emprego	Massa salarial real	Rendimento médio real	Produção
Extrativa	-	-	-	-	-	-	-12,6
Alimentos	-10,9	-0,3	-0,4	-3,9	-6,0	-2,3	2,0
Bebidas	-4,1	-8,7	2,2	-4,0	-12,5	-8,8	-1,6
Tabaco	-	-	-	-	-	-	-22,6
Têxteis	-0,8	-13,4	-1,0	-12,3	-12,6	-0,3	-7,1
Vestuário e acessórios	-9,4	-14,7	-2,1	-12,4	-12,9	-0,6	-8,7
Couros e calçados	-2,4	-3,3	-0,2	-5,7	-5,4	0,3	-2,6
Produtos de Madeira	-6,7	7,2	0,3	3,7	3,7	0,0	0,2
Celulose, papel e produtos de papel	-11,9	-3,8	-2,1	-1,5	2,7	4,3	2,0
Impressão e Reproduções de gravações	-2,4	-22,3	-2,9	-12,5	-18,1	-6,4	-11,3
Derivados de petróleo e biocombustíveis	-10,0	-13,1	0,2	-6,7	-9,2	-2,8	-8,1
Químicos	-10,1	-4,8	-2,0	-3,8	4,1	8,2	-
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-	-1,7
Farmacêuticos	0,5	2,4	-6,1	1,3	-0,5	-1,8	-1,3
Sabões, detergentes, prods de limpeza, cosm, perfum.	-	-	-	-	-	-	-0,4
Borracha e de material plástico	-4,3	-12,7	-6,3	-11,4	-28,2	-19,0	-7,9
Minerais não metálicos	-12,4	-9,4	-4,6	-7,7	-12,1	-4,8	-11,9
Metalurgia	-14,7	-14,0	1,1	-13,4	-17,9	-5,2	-8,2
Produtos de metal	-18,7	-13,0	-0,4	-15,5	-18,1	-3,1	-11,5
Equip. inform, prod. eletrônicos e óticos	-	-	-	-	-	-	-21,4
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	-3,6	-11,7	-2,0	-9,5	-1,5	9,0	-7,5
Máquinas e equipamentos	-11,3	-12,7	-3,5	-11,3	-10,0	1,5	-13,7
Veículos automotores	-24,5	-16,8	-14,9	-10,7	-9,3	1,8	-16,9
Outros equipamentos de transporte	-26,7	-5,3	-0,8	-4,9	-6,5	-1,7	-21,3
Móveis	-19,7	-3,1	-0,1	-10,6	-6,4	4,6	-12,9
Produtos diversos	-4,6	-22,5	-0,5	-15,2	-11,9	3,8	-10,5
Manutenção, rep. e inst. de máquinas e equipam.	-	-	-	-	-	-	-9,2
Indústria de transformação	-12,4	-8,5	-2,7	-8,4	-9,1	-0,8	-7,0
Indústria geral	-	-	-	-	-	-	-7,8

Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil e IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

***D*emanda doméstica leva indústria gaúcha a níveis do ano 2000, mas confiança retorna**

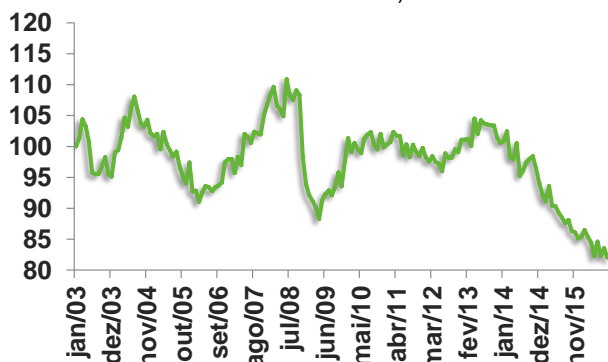
O comportamento da indústria gaúcha em 2016 não foi diferente do observado pela indústria brasileira: terceira queda seguida, a mais longa crise já registrada, perdas intensas e disseminadas entre os indicadores e setores industriais muitos atingindo mínimos históricos.

O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), calculado pela FIERGS para aferir a atividade industrial gaúcha, bem como seus seis componentes – faturamento real, compras industriais, utilização da capacidade instalada (UCI), horas trabalhadas na produção, emprego e massa salarial real –, atingiu na série dessazonalizada diversas vezes no transcorrer de 2016 seu piso histórico, situação em que se encontra em setembro de 2016, último dado disponível. Da mesma forma, o índice dessazonalizado da produção industrial (IBGE), iniciado em 2002, registrou seu nível mais baixo em maio de 2016.

Os gráficos a seguir demonstram os pontos mais baixos registrados pelo IDI/RS e pela produção industrial gaúcha ao longo das respectivas séries históricas, refletindo os três grandes ciclos recessivos recentes do setor: estiagem em 2005/2006, crise internacional de 2008 e crise atual. Percebe-se neles a duração mais longa e a maior profundidade do ciclo atual.

Gráfico 3.9. Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)

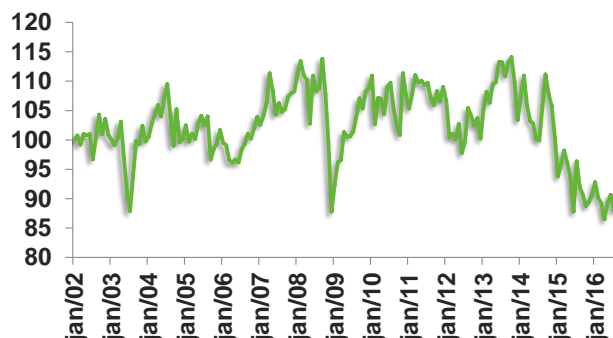
(Índice de base fixa mensal jan de 2003=100 - dessazonalizado)



Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

Gráfico 3.10. Produção Industrial - RS

(Índice de base fixa mensal jan 2002=100 - dessazonalizado)

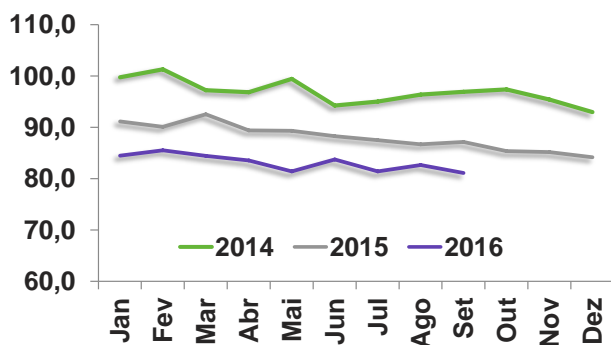


Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Em 2016, carregando de 2015 uma herança estatística negativa de -2,3% e -4,4%, a atividade e a produção industrial gaúcha mantiveram a tendência declinante na margem nos primeiros meses do ano quando, a partir de abril e maio, estabilizaram em níveis muito próximos ao piso histórico. Esse comportamento sugere que o setor parou de cair e atingiu o “fundo do poço”.

Gráfico 3.11. Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)

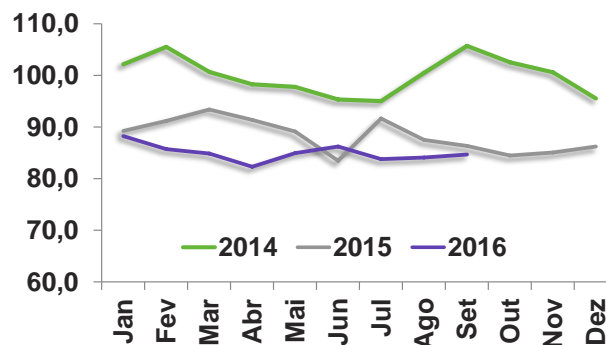
(Índice de base fixa mensal jan/2013 =100 - dessazonalizado)



Fonte: FIERGS/Indicadores industriais do RS.

Gráfico 3.12. Produção Industrial - RS

(Índice de base fixa mensal jan/2013=100 - dessazonalizado)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Com o resultado do efeito carregamento negativo de 2015 e a ausência de crescimento na margem, os indicadores de atividade industrial mantiveram-se em baixa quando expressos em bases anuais. No mês de setembro, em relação ao mesmo mês do ano anterior, o IDI/RS completou uma série inédita de 31 quedas consecutivas, de longe a mais persistente da série iniciada em 1992. Para se ter uma ideia da extensão da crise atual, a duração dos dois maiores ciclos recessivos anteriores, provocadas pela estiagem de 2005/2006 e pela crise internacional de 2008, foram de 19 e de 13 retrações seguidas, respectivamente. Ou seja, os números comprovam que o setor industrial gaúcho passa de longe pela maior crise de sua história. Já a produção industrial (IBGE) corrobora esse quadro, mostrando 28 contrações nos últimos 30 meses na comparação entre mês atual e o mesmo mês do ano anterior. Nas crises anteriores, em 2008, a

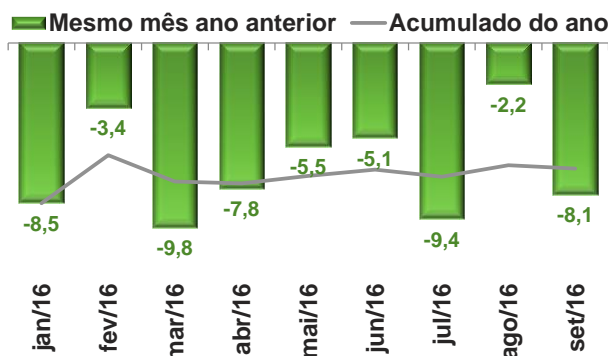
produção gaúcha, nessa base, caiu por 12 meses e em 2005/2006, foram 18 reduções em 20 meses.

A trajetória dos indicadores no acumulado do ano reflete o comportamento esperado diante da evolução exibida na margem. No caso do IDI/RS, as taxas negativas desaceleraram ligeiramente ao longo do ano, à medida que os meses de 2016, estáveis na margem, eram comparados com uma base declinante de 2015. As taxas da produção industrial, por sua vez, foram constantes. Tais desempenhos sugerem que o momento de maior deterioração da atividade industrial gaúcha pode ter passado, reforçando a hipótese de que o vale do atual período recessivo finalmente foi atingido em 2016.

No acumulado do ano encerrado em setembro, comparativamente ao mesmo período do ano passado, o nível de atividade, medido pelo IDI/RS, caiu 6,7% e a produção industrial recuou 4,7%.

Gráfico 3.13. Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS

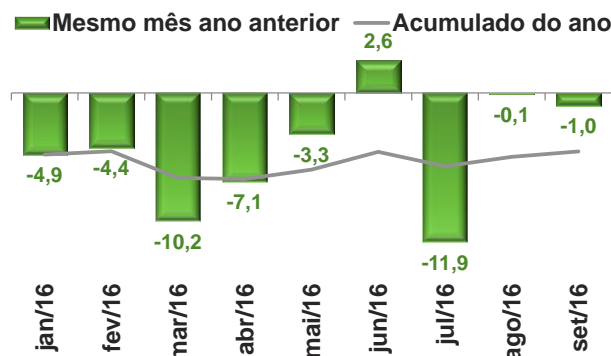
(Var. % em 2016)



Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

Gráfico 3.14. Produção Industrial-RS

(Var. % em 2016)

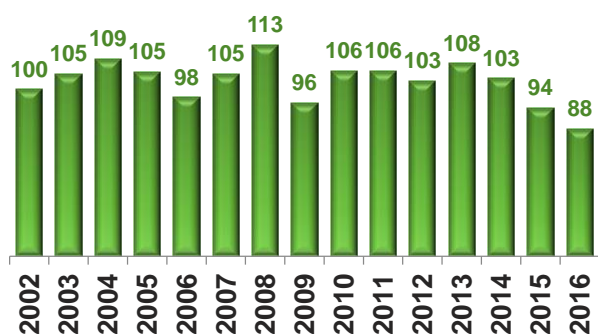


Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

A terceira queda anual seguida, na sequência de um ciclo de estagnação de cinco anos, levou a atividade industrial gaúcha a patamares historicamente baixos. A extensão desse cenário pode ser reproduzida desta vez em bases anuais mais longas. A produção industrial dos nove primeiros meses 2016 é 18,9% inferior a de 2013 e 10% menor que a de 2002, início da série, para os mesmos períodos. No caso do IDI/RS, de série histórica mais longa, a atividade industrial está 18,2% menor que 2013 e é o nível mais baixo desde o ano 2000, tomando por base os nove primeiros meses de cada ano. De seu pico histórico em 2008, são 22,3% de queda da atividade e 19,5% na produção.

Gráfico 3.15. Índice de Desempenho Industrial – ID/RS

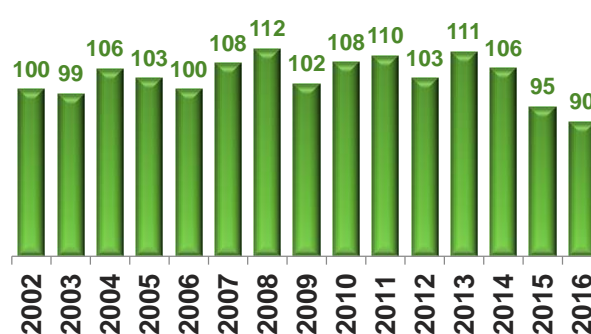
(Índice de base fixa: 2002 =100- Média dos nove primeiros meses do ano)



Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

Gráfico 3.16. Produção Industrial-RS

(Índice de base fixa: 2002 =100 - Média dos nove primeiros meses do ano)

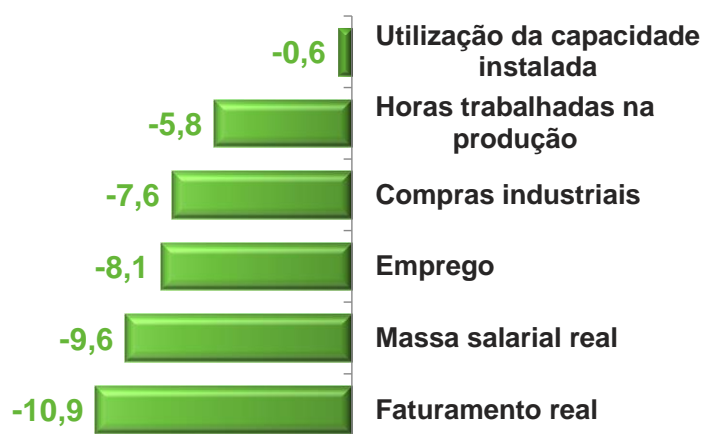


Fonte IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Além do nível de atividade e de produção, outros indicadores do setor divulgados pela FIERGS corroboram o cenário de dificuldades da indústria gaúcha em 2016. Todos, com exceção da massa salarial real, atingiram em algum momento de 2016 o piso histórico e devem registrar a terceiro declínio anual consecutivo. O faturamento, em termos reais, caiu 10,9% nos primeiros nove meses de 2016 na comparação com o mesmo período do ano passado. Diante da menor necessidade de produção, as compras de insumo e matérias-primas caíram 7,6% e as horas trabalhadas -5,8%. A utilização da capacidade de produção atingiu 78,7% na média de janeiro a setembro, 0,6 p.p. abaixo do mesmo período de 2015. Os indicadores de mercado de trabalho, invariavelmente defasados em relação aos de atividade, mostram os efeitos da crise prolongada. A indústria gaúcha reduziu em 8,1% seu quadro de funcionários em 2016, o que levou, juntamente com o aumento da inflação, a uma redução da massa salarial paga em 9,6%, em termos reais.

Gráfico 3.17. Indicadores Conjunturais da Indústria do Rio Grande do Sul

(Var. % acum. em 2016 até setembro)



Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

Em termos setoriais, vale destacar a intensidade e a disseminação das taxas negativas. Segundo o IBGE, a produção industrial caiu em 10 de 14 setores pesquisados e a redução do nível de atividade, aferida pelos respectivos IDI's setoriais, ocorreu em 15 das 17 atividades abrangidas pelo levantamento da FIERGS.

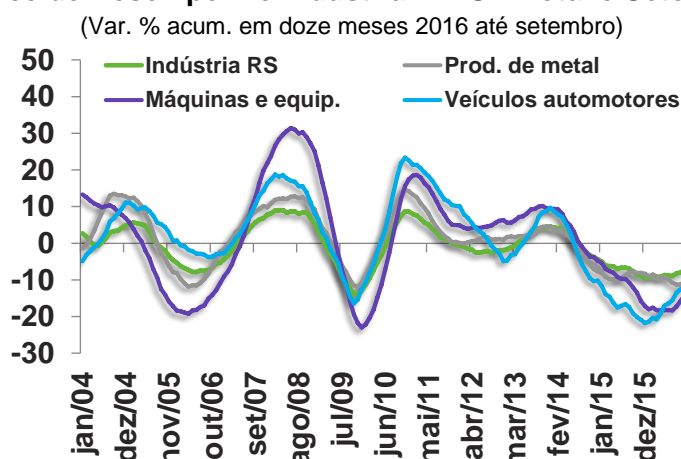
As duas pesquisas concordam sobre a contribuição do setor metal-mecânico para a queda da indústria em 2016. Os ciclos recessivos e expansivos da indústria gaúcha normalmente

começam e terminam por esse segmento, que disseminam seus efeitos negativos ou positivos pela sua longa cadeia produtiva.

O setor de Montagem de veículos diminuiu a produção e o nível de atividade em 10,0%. O nível de atividade caiu de forma mais intensa ainda no setor de Máquinas e equipamentos: -12,7%, enquanto o indicador de produção mostrou uma redução de 8,2%. A redução na produção de automóveis, no primeiro caso, e de máquinas e equipamentos agrícolas, elevadores ou transportadores para mercadorias, guindastes e aparelhos de ar-condicionado no segundo, deram as maiores contribuições negativas aos dois segmentos.

Aqui cabe uma importante observação. A partir de janeiro de 2017, o setor de máquinas agrícolas precisará se adaptar as normas do programa de Controle da Poluição do ar por Veículos Automotores (Proconove), que obriga a fabricação de motores menos poluentes, o que deve elevar os custos para as fábricas e produtores rurais. Isso já ocorreu no passado com o segmento de ônibus e caminhões com impactos importantes sobre o setor de Montagem de veículos, porque as indústrias tendem a adiantar a produção para fazer estoques com motores antigos, que são mais baratos, e os compradores tendem a antecipar a aquisição para fugir dos preços mais altos do novo modelo. Isso pode dar um forte impulso na produção nos últimos meses de 2016, mas também deve gerar impactos negativos no ano que vem.

Gráfico 3.18. Índice de Desempenho Industrial – RS – Total e Setores Metal-Mecânico



Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

O setor de Tabaco (fumo processado e cigarros) caiu 28,4% nos primeiros nove meses do ano, fornecendo o maior impacto negativo sobre o índice de produção geral. O IDI do setor recuou 9,4%. A queda na safra de fumo (-22,0%) em 2016 também levou à forte redução das exportações (-11,5% em Reais) do produto no ano. Outro fator relevante foi o encerramento das atividades de importante empresa produtora de cigarros devido à concorrência desleal e o aumento de impostos.

Adicionalmente, com influências menores, destacam-se os setores de Produtos de metal (construções pré-fabricadas, esquadrias de alumínio e facas de mesa) com queda de 6,9% e Móveis (assentos e cadeiras de metal, móveis modulados para cozinhas, armários para uso residencial, móveis para instalações comerciais e componentes, partes e peças para móveis de madeira), que apresentou declínio de 14,9%. Os respectivos indicadores de atividade registraram quedas de 11,1% e 14,8%.

Houve forte aumento da produção de Celulose e papel (+43,3%), que reproduziu a ampliação da capacidade de uma unidade produtiva importante do setor. Por fim, percebe-se um descasamento entre alguns indicadores do setor de Alimentos, que mostrou crescimento na

produção (+1,8%) e nas horas trabalhadas na produção (+4,6%), mas registrou queda expressiva no faturamento real (-20,0%). A retração da renda e do emprego no país diminuiu a demanda, o que limitou o repasse dos altos índices de inflação do setor. As exportações de Alimentos também registraram contração de 7,6%, quando convertidas para reais deflacionados.

A tabela a seguir mostra os resultados setoriais para os principais indicadores de conjuntura divulgados para a indústria do Rio Grande do Sul.

Tabela 3.2. Indicadores Conjunturais da Indústria do RS - setores

(Var. % acum. em 2016 até setembro)

	Faturamento real	Compras industriais	UCI	Horas trabalhadas na produção	Emprego	Massa salarial	IDI	Produção
Alimentos	-20,0	-1,0	0,0	4,7	-4,4	-9,5	-3,3	1,8
Bebidas	-3,0	0,6	1,2	-7,0	-4,6	-4,0	-4,3	-13,0
Tabaco	-3,6	6,5	0,0	-15,1	-16,5	-9,7	-9,4	-28,4
Celulose, papel e produtos de papel	-	-	-	-	-	-	-	43,3
Têxteis	-4,4	-28,5	-12,3	-15,2	-16,5	-13,9	-14,4	-
Vestuário e acessórios	-9,2	-15,6	-23,4	-11,3	-9,1	-11,9	-12,9	-
Couros e calçados	-5,0	0,7	2,1	0,1	-1,2	-1,9	-1,1	2,2
Couros	-9,3	-1,5	3,4	6,6	3,4	-8,5	-1,2	-
Calçados	-3,9	0,7	2,4	-0,9	-1,7	-1,5	-1,1	-
Produtos de Madeira	15,7	22,2	2,9	13,2	11,0	17,9	15,2	-
Impressão e Reproduções de gravações	-12,4	2,1	-28,6	-13,0	-14,7	-11,3	-	-
Químicos, der. de petróleo e biocomb.	-4,4	-10,2	8,8	-0,1	-0,5	-2,2	-0,3	-
Derivados de petróleo e biocomb.	-	-	-	-	-	-	-	-9,9
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-	-	-0,6
Borracha e de material plástico	-6,7	-9,2	1,3	-8,2	-7,3	-4,4	-5,9	-7,6
Borracha	-5,1	-5,0	0,6	-5,5	-5,0	-6,4	-4,4	-
Minerais não-metálicos	-	-	-	-	-	-	-	-8,7
Metalurgia	-15,5	-14,4	6,9	-21,9	-16,3	-26,3	-10,4	1,7
Produtos de metal	-10,0	-12,2	-1,9	-11,6	-14,7	-15,0	-11,1	-6,9
Equip. inform, prod. eletrônicos e óticos	-2,2	-6,6	1,7	6,2	-7,4	-4,3	-3,9	-
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	-14,5	-31,0	-3,4	-26,8	-21,0	-9,7	-15,4	-
Máquinas e equipamentos	-19,2	-11,5	-3,4	-14,6	-12,1	-12,2	-12,7	-8,2
Máquinas agrícolas	-14,3	-5,9	-1,2	-19,1	-11,9	-11,4	-10,1	-
Veículos automotores	-8,4	-12,5	1,2	-13,5	-13,7	-12,5	-10,2	-10,3
Móveis	-20,2	-22,1	-2,9	-14,4	-12,3	-15,4	-14,8	-14,9
Indústria total	-10,9	-7,6	-0,5	-5,8	-8,1	-9,6	-6,7	-4,6

Fonte: IBGE/PIM-PF e FIERGS/Indicadores Industriais do RS. Elaboração: FIERGS/UEE.

A opinião dos empresários sustenta a expectativa de um 2017 melhor

Sem números positivos ainda para apresentar nos indicadores de conjuntura, é na Sondagem Industrial do Rio Grande do Sul, pesquisa de opinião com empresários, que estão as melhores notícias do ano, em especial nos indicadores de confiança e de expectativas. De fato, apesar do cenário desfavorável descrito, há quatro anos os empresários gaúchos não se mostravam tão confiantes.

O longo período de recessão juntamente com o acirramento da crise política continuou contaminando a confiança dos empresários gaúchos no início do ano, mas a partir de maio, sob o impacto do desfecho da primeira fase do processo de *impeachment* em abril, a economia brasileira passou por um choque de confiança.

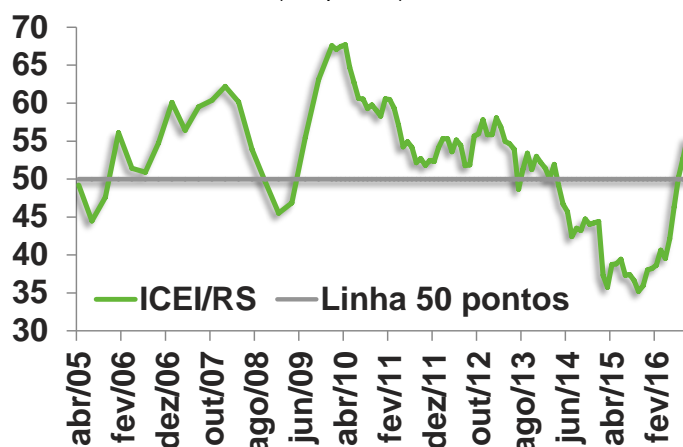
O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) iniciou o ano atingindo 38,2 pontos, pouco acima do recorde negativo de 35,2 pontos obtido em outubro de 2015. O ICEI/RS varia de zero a 100 pontos, quanto maior a distância da linha divisória dos 50 pontos, maior a confiança (quando acima da linha) ou a falta de confiança (quando abaixo). Em janeiro de 2016, o pessimismo com a economia brasileira era disseminado entre os empresários: 85,0% percebiam deterioração e 65,0% acreditavam em piora.

O indicador de confiança seguiu sem grandes mudanças até abril quando, a partir de maio, tem-se o começo de um processo intenso de recuperação. Em julho, aos 50,2 pontos, o ICEI/RS deixou a zona de pessimismo e encerrou o maior ciclo de falta de confiança (27 meses) já experimentado pelos industriais gaúchos, chegando ao seu pico em setembro, com 55,4 pontos. Nesse mês, o percentual de empresário percebendo piora na economia brasileira baixou para 36,3% e o otimismo com o futuro já predominava (44,9%).

Em novembro, depois de dois recuos, o ICEI/RS alcançou 53,5 pontos, mostrando uma acomodação após o crescimento excessivo dos meses anteriores. Esse resultado revela que as dificuldades do setor persistem e as expectativas de melhora, base do recente aumento da confiança, ainda não se materializaram, mas é compatível com o cenário de arrefecimento ou estabilização do ciclo recessivo em curso. Em momentos semelhantes do passado, esses foram indicadores antecedentes do fim da recessão e do início de um período de expansão.

Gráfico 3.19. Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS

(Em pontos)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS.

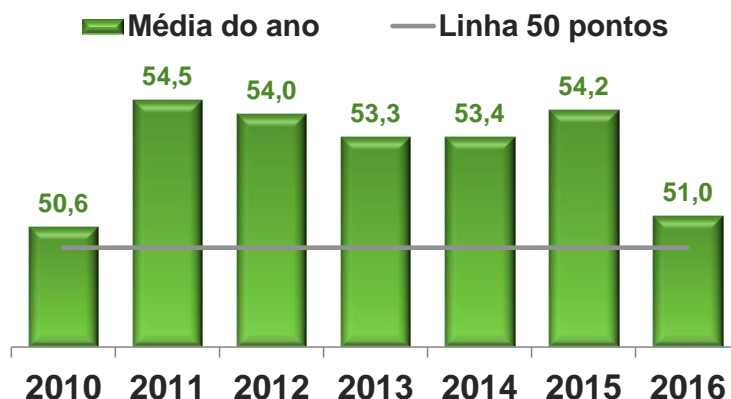
Outro fator positivo apresentado pela Sondagem Industrial em 2016 foi o ajuste dos estoques, uma fonte importante de restrição ao desempenho do setor nos últimos anos. Vale lembrar que diversas empresas reduziram jornadas de trabalho e concederam férias coletivas nos últimos anos por conta dos altos níveis de estoques.

Ainda que tenha sido provocado por um fator negativo, em função da redução da produção, o ajuste de estoques pode ser considerado positivo, dado o rápido impacto no caso de uma reação da demanda. De fato, o ciclo de estoques da indústria gaúcha, que chegou ao pico no ano passado, foi gradativamente sendo eliminado e desde abril de 2016 não há acúmulo.

O índice que compara o nível de estoques ante o planejado pelas empresas atingiu uma média de 51,0 pontos nos primeiros nove meses do ano. O valor do índice varia entre zero e 100 pontos, a marca de 50 separa a existência (quando maior) da inexistência de excesso de estoques (quando igual ou menor). No mesmo período dos cinco anos anteriores, o indicador mostrou uma média de 54 pontos. O ano de 2010, com média de 50,7 pontos, havia sido a última vez que a indústria gaúcha exibiu estoques próximos do planejado pelas empresas. Vale lembrar que o setor industrial gaúcho crescia fortemente naquele período, recuperando-se da crise mundial de 2008.

Gráfico 3.20. Índice de estoques em relação ao planejado

(Em pontos – média dos primeiros nove meses do ano)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS

A Sondagem Industrial do RS mostrou anteriormente que, a despeito da melhora das expectativas, as dificuldades continuaram em 2016. A demanda doméstica é mais uma vez a maior delas. Repetindo o ano anterior, a demanda interna insuficiente liderou, nos três primeiros trimestres de 2016, o *ranking* dos principais problemas enfrentados pelas empresas, recebendo em média 47,6% das respostas entre os itens propostos trimestralmente pela pesquisa.

A elevada carga tributária, que em condições econômicas normais, encabeça a lista pelo seu caráter estrutural, continuou como o segundo problema mais importante, apontado por 43,9% dos empresários. Já as taxas de juros elevadas foram um entrave ainda maior em 2016, ocupando o terceiro lugar com 28,2% das respostas, 5,5 pontos percentuais acima de 2015. Com um percentual muito próximo, a inadimplência de clientes foi o obstáculo que mais ganhou força em 2016, recebendo 26,3% das respostas, sendo o quarto item mais assinalado. Na sequência, a falta de capital de giro e a falta ou alto custo da matéria-prima foram o quinto e o sexto problemas mais assinalados de 2016: 22,0% e 20,8% dos empresários, respectivamente.

Vale destacar ainda a perda de importância relativa da falta ou o alto custo da energia, que foi o terceiro maior obstáculo em 2015 com 27,5% das respostas, percentual que diminuiu para 11,4% em 2016 e lhe valeu a queda para o nono posto no *ranking*. O mesmo ocorreu com a taxa de câmbio, que caiu do quarto para o sétimo lugar ao reduzir o percentual de assinalações de 25,5% no ano passado para 18,2% em 2016.

Gráfico 3.21. Principais problemas enfrentados - 2016

(Percentual médio dos três primeiros trimestres)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS.

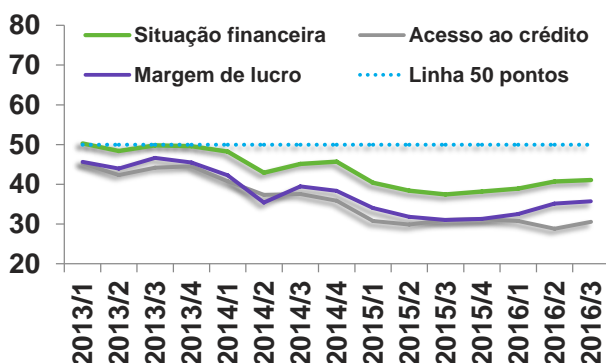
A Sondagem Industrial do RS revelou também que a crise econômica segue deteriorando as condições financeiras das empresas. Os indicadores apresentados variam de zero a 100 pontos, sendo os 50 pontos a marca divisória entre a satisfação e a insatisfação, no caso da situação financeira e margem de lucro, e entre a facilidade e a dificuldade, no caso do indicador de acesso ao crédito.

Depois de atingir os pisos históricos em 2015, os indicadores de margem de lucro e de situação financeira das empresas chegaram, respectivamente, aos 35,8 pontos e 41,1 pontos no terceiro trimestre de 2016, mostrando que a insatisfação diminuiu, mas ainda segue elevada e muito próxima dos recordes negativos exibidos no ano passado de 31,1 e 37,5 pontos nessa ordem. A situação financeira das empresas é agravada pelas condições de crédito, que ficaram ainda mais difíceis em 2016. O indicador de acesso ao crédito atingiu o piso histórico no segundo trimestre do ano (28,9 pontos) e encerrou o terceiro, último dado disponível, aos 30,6 pontos no terceiro.

Todos esses resultados, aliados à elevada ociosidade e ao baixo nível de produção, indicam que o cenário atual está distante de ser propício para investir. De fato, o pessimismo empresarial exibido nos primeiros meses do ano levou o indicador de intenção de investimentos para os próximos seis meses (aquisição de máquinas e equipamentos, construção, pesquisa e desenvolvimento, inovação de produto ou processo) ao piso da série histórica em maio (36,3 pontos). Nos meses seguintes, com a melhora das expectativas, o indicador apresentou ligeira recuperação, atingindo em outubro, último dado disponível, 42,8 pontos, mas segue revelando pequena disposição para novos investimentos.

Gráfico 3.22. Indicadores de situação financeira

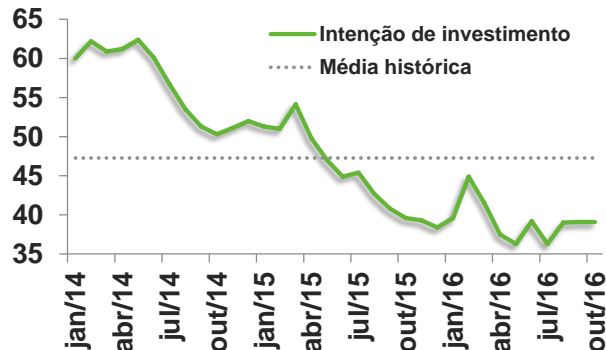
(Em pontos)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS.

Gráfico 3.23. Índice de intenção de investimentos próximos seis meses

(Em pontos)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS.

Perspectivas para 2017

O cenário negativo previsto para a indústria em 2016, no final de 2015, estava fundamentado na manutenção dos principais fatores que já impactavam a indústria nacional nos dois anos anteriores, sobretudo o declínio adicional da demanda doméstica, inserida em um ambiente de recessão econômica profunda e instabilidade política crescente. A evolução das indústrias brasileira e gaúcha em 2016 confirmou o cenário, ainda que sua dimensão tenha sido subestimada. Contando com uma forte herança estatística (*carry over*) negativa de 2015 (-6,3%) e sem apresentar reação na margem ao longo do ano, a produção industrial brasileira deverá encerrar 2016 com uma queda de 6,9%, além da previsão de declínio de 5,7% realizada em 2015, no cenário mais deteriorado. No Estado, a produção, prevista para cair 4,2% em 2016, deverá encerrar o ano mostrando contração de 4,0%. Para o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), era projetada uma redução de 3,5% no cenário básico para 2016, que poderia alcançar 5,1% no caso do cenário mais deteriorado. Agora o indicador de atividade industrial gaúcho deve fechar o ano exibindo queda de 5,2%.

O cenário econômico para 2017 segue desafiador. O consumo e os investimentos devem continuar limitados diante, principalmente do alto nível de desemprego e dos baixos níveis de produção e ocupação no setor industrial. O mercado externo também não deverá fornecer contribuição importante.

Apesar disso, as perspectivas para indústria nacional para 2017 são relativamente melhores ou menos ruins. O impasse político foi resolvido, ainda que instabilidades adicionais não estejam descartadas, o que dá algum alívio à situação difícil que a economia brasileira atravessa. Nesse sentido, existe perspectiva de pequeno crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) para o ano que vem (+0,5% na projeção da FIERGS). É muito pouco depois do maior ciclo recessivo da história, mas para voltar a crescer é necessário parar de cair. Nesse cenário menos árido, a atividade industrial brasileira tende a mostrar reação, ainda que também muito modesta. A base de comparação deprimida por três anos de queda, juntamente com uma combinação de fatores ausentes no cenário nos últimos dois anos – crescimento econômico, confiança empresarial, capacidade ociosa e estoques ajustados – devem ajudar nesse processo, assim como a desaceleração da inflação e a queda dos juros. O encaminhamento de soluções para a crise fiscal

e propostas de reformas importantes também dão ao ambiente econômico melhores perspectivas, ainda que impactem mais o médio e longo prazo.

Além disso, o efeito estatístico deixa uma herança bem menos negativa de 2016 para 2017. Nesse sentido, qualquer ligeiro crescimento marginal já será suficiente para gerar um resultado positivo.

Como sempre, três cenários foram elaborados: o inferior, o base (mais provável) e o superior. Os resultados tendem a melhorar no sentido do inferior ao superior, mas em todos os cenários deverão ser os menos ruins em quatro anos.

Tomando o **cenário base**, a produção industrial brasileira deve registrar um ligeiro crescimento de 0,9% e a gaúcha, 0,6%, que poderão chegar a 1,8% e 1,7%, se o cenário surpreender positivamente em 2017. Novas quedas não estão descartadas, estando contempladas no cenário inferior. Nesse caso, a produção industrial brasileira deverá apresentar a quarta queda seguida: -2,7%.

No Estado, as projeções para 2017 são de estabilidade do IDI/RS e crescimento da produção industrial de 0,7%. No **cenário inferior**, as taxas negativas podem chegar a, respectivamente, de 2,3% e 2,9%. No cenário **superior**, mais favorável, a indústria gaúcha pode apresentar crescimento de 2,0% na atividade industrial (IDI/RS) e de 1,7% na produção.

Tabela 3.3. Perspectivas para a produção industrial do Brasil

(Var. % acum. no ano)

	2015	2016*	Cenários 2017		
			Inferior	Base	Superior
Indústria extrativa	3,9	-10,1	1,6	3,7	5,6
Indústria de transformação	-9,9	-6,2	-2,8	0,8	1,9
Produção industrial	-8,3	-6,9	-2,7	0,9	2,0

Fonte: IBGE/PIM-PF. *estimativa. Elaboração: FIERGS/UEE.

Tabela 3.4. Perspectivas para a indústria do RS

(Indicadores e produção industriais – Var. % acum. no ano)

	2015	2016*	Cenários 2017		
			Inferior	Base	Superior
Faturamento real	-12,2	-10,9	0,3	2,5	5,3
Compras industriais	-9,8	-5,5	-1,0	1,7	2,6
Utilização da capacidade instalada	0,1	0,3	-1,3	0,8	1,8
Massa salarial real	-10,7	-8,7	-1,5	0,4	2,0
Emprego	-9,1	-7,2	-2,8	-1,0	0,7
Horas trabalhadas a produção	-5,7	-5,4	-0,3	1,0	2,8
Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)	-7,4	-5,2	-2,3	0,0	2,0
Produção industrial	-11,7	-4,0	-2,9	0,7	1,7

Fonte: IBGE/PIM-PF. FIERGS/Indicadores Industriais do RS* Estimativa. Elaboração: FIERGS/UEE.

A realidade se impõe: as reformas são inadiáveis

Os problemas estruturais da economia brasileira são antigos e conhecidos e a solução passa por uma palavra esquecida durante os anos de bonança econômica: reformas. De fato, para a saída definitiva da crise e a entrada em um ciclo de crescimento sustentado, é necessário levar adiante a agenda de reformas necessárias ao desenvolvimento do país – tributária, trabalhista, previdenciária e política –, que visem o aumento da competitividade, com foco na redução dos custos, e a melhora no ambiente de negócios, que estimule o investimento, a inovação e a alta da produtividade. Algumas politicamente são muito difíceis, mas é preciso aproveitar a janela de oportunidade. A realidade é implacável e não há mais espaço para adiamentos.

Entre os vários erros da política econômica dos últimos anos, houve desestímulos para o aumento da competitividade e da integração nas cadeias globais de valor. Por questões ideológicas, o país não participou das negociações bilaterais e regionais dos últimos anos. Portanto, são urgentes iniciativas no sentido de ampliar a integração do setor com o mundo através de acordos comerciais. Também continuam prementes a retomada dos investimentos públicos, ainda que através de concessões em infraestrutura, a maior qualificação do trabalhador, a redução da complexidade da carga tributária e da burocracia.